

Glossário

Teoria Cultural e Educação. Um vocabulário Crítico. Tomaz Tadeu da Silva. Ed Autêntica

Agenciamento

Tradução do francês *agencement*, significando o ato de arranjar, organizar, dispor um conjunto qualquer de elementos. Na terminologia introduzida por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, em Mils Platôs, o termo é utilizado para significar qualquer combinação ou ligação dispare- sem qualquer hierarquia ou organização centralizada – de elementos, fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: idéias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições. O conceito é utilizado para dissolver qualquer noção essencialista de “sujeito” como entidade singular ou privilegiadamente “humana”, bem como para fugir de dicotomias tradicionais como as que separam o humano e o não-humano ou psíquico e o social.

Alteridade

A condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser do outro.

Controle

Utilizado, de forma variada, por diversas perspectivas da teoria educacional crítica, para se referir às formas e aos processos através das quais os grupos dominantes procuram conter os grupos dominados. No contexto da teoria educacional crítica, é mais importante o controle através da ideologia do que da repressão

Currículo oculto

Conjunto de atitudes, valores e comportamentos que são implicitamente “ensinados” através das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola

Desigualdade

No contexto da sociologia crítica da educação, a condição na qual os diferentes grupos sociais – definidos principalmente em termos de classes sociais – apropriam-se de forma desproporcional dos recursos materiais e simbólicos a sociedade. Descrever e explicar as situações de desigualdade na educação – relacionando-as às desigualdades sociais mais amplas – tem sido uma das tarefas centrais da sociologia crítica da educação.

Diferença

Conceito que passou a ganhar importância na teorização educacional crítica a partir da emergência da chamada “política de identidade” e dos movimentos multiculturalistas. Neste contexto, refere-se às diferenças culturais entre os diversos grupos sociais, definido em termos de divisões sociais tais como classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade. Em algumas das perspectivas multiculturalistas, a diferença cultural é simplesmente tomada como um dado da vida social que deve ser respeitado. Nas perspectivas teóricas pós-estruturalistas, a diferença, entretanto, é um processo social estreitamente vinculado à significação. Num contexto filosófico, fala-se de “filosofia da diferença” para se referir a certas tendências filosóficas contemporâneas que se centram no conceito de diferença, opondo-se, nesse sentido às filosofias que se fundamentam na dialética, as quais são criticadas, sobretudo, porque, ao resolverem a contradição por meio de uma negação da negação, acabam por reafirmar a identidade e a mesmidade. Embora baseado em noções de diferença que não são coincidentes,

pode-se nomear Gilles Deleuze e Jacques Derrida como os principais representantes de uma “filosofia da diferença”. Ao se caracterizar o chamado “pós-estruturalismo”, esquece-se, em geral, que esse movimento teórico contemporâneo define-se também por sua rejeição a dialética e por sua conseqüente afirmação do princípio da diferença, e não apenas por sua reação ao estruturalismo e seus pressupostos sobre o discurso e a linguagem. É este último aspecto do pós-estruturalismo que tem sido ressaltado na teoria educacional crítica recente, tendo-se dados, em contraposição, pouca atenção ao primeiro.

Disciplina

No sentido de “campo de conhecimento”, tem constituído o objeto de estudo da História das Disciplinas e da Sociologia da Educação, concentrando-se, ambas, com ênfases diferentes, em investigar como as diferentes disciplinas escolares foram criadas e estabelecidas. Em certas perspectivas críticas, adota-se o conceito de “disciplina” tal qual foi desenvolvido por Michel Foucault. Aqui, o termo refere-se tanto aos diferentes campos do saber - analisados em sua conexão com relações de poder - quanto a formas de controle e regulação social.

Dispositivo

Nos termos de Foucault, significa o conjunto das práticas, discursivas e não discursivas, consideradas em sua conexão com as relações de poder. O próprio Foucault forneceu uma lista dos elementos que constituiriam um dispositivo: “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, regulamento, lei, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, regulamentos morais, instituições e disposições filantrópicas, em suma, tanto o dito quanto o não-dito”(FOUCAULT, 1994, pg 299)

Diversidade

No contexto da chamada “política de identidade”, o termo está associado ao movimento do multiculturalismo. Nessa perspectiva, considera-se que a sociedade contemporânea é caracterizada por sua diversidade cultural, isto é, pela coexistência de diferentes e variadas formas (étnicas, raciais, de gênero, sexuais) de manifestação da existência humana, as quais não podem ser hierarquizadas por nenhum critério absoluto ou essencial. Em geral, utiliza-se o termo para advogar uma política de tolerância e respeito as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a idéia de que a diversidade está dada, que ela preexiste aos processos sociais pelos quais - numa outra perspectiva - ela foi, antes de qualquer coisa, criada. Prefere-se neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo, com relações de poder e autoridade.

Doxa

Na teorização crítica de Bourdieu, o conjunto de crenças que constituem o senso comum, isto é, que são tomadas como dadas e assentadas - sem questionamento.

Efeitos de Verdade

Para Michel Foucault, o importante não é decidir, com base no confronto entre um determinado discurso e a “realidade” à qual ele supostamente se refere, se ele é verdadeiro ou não, mas examinar seus “efeitos de verdade”, ou seja, determinar quais os mecanismos retóricos através dos quais, em conexão com relações de poder, ele é tomado como verdade.

Episteme

Na nomenclatura de Michel Foucault, no livro *As palavras e as coisas*, conjunto das regras e dos princípios, predominantes num determinado período histórico, que possibilitam que certas coisas – e não outras – sejam ditas, configurando campos particulares de saberes.

Escola de Frankfurt

Nome com que ficou conhecido um conjunto de pensadores alemães que, em 1923, fundaram, na Universidade de Frankfurt, o Instituto de Pesquisa Social. Entre os nomes mais frequentes associados com a Escola de Frankfurt estão: Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse. O conjunto da obra sociológica e filosófica da escola de Frankfurt ficou conhecido também como “Teoria Crítica”. O pensamento da Escola de Frankfurt filia-se à tradição marxista de crítica da sociedade, mas rejeita o axioma do primado da economia, concedendo um papel relativamente autônomo à esfera cultural. Profundamente marcados pela experiência do nazismo, que afetou radicalmente a vida da maioria deles, os pensadores da Escola Frankfurt estiveram preocupados, em sua obra, em tentar compreender os processos pelos quais as pessoas e os grupos sociais aceitam e reforçam as estruturas e as instituições que são responsáveis por sua própria dominação. Nesse sentido, é central, na teorização da “Teoria crítica”, o conceito – formulado por Adorno e Horkheimer – de “indústria cultural”. O nome “Escola de Frankfurt” tende a homogeneizar, entretanto, pensadores cujas obras foram bastante diversas e variadas, tanto temática quanto metodologicamente, chegando, às vezes, à franca divergência. Assim, por exemplo, é conhecida a polêmica entre Adorno e Benjamin em torno de questões estéticas.

Estereótipos

Opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence. O etnocentrismo, o racismo, o sexismo, a homofobia, baseiam-se, todos, em grande parte, na produção e reprodução de estereótipos sobre os respectivos grupos sociais atingidos por essas atitudes tendenciosas. Na análise cultural contemporânea, o conceito é visto com certa desconfiança, por suas conotações psicológicas, ao focalizar o indivíduo e não processos sociais e históricos. Os Estatutos Culturais têm preferido utilizar, na análise do etnocentrismo, do racismo, do sexismo e da homofobia, o conceito de “representação”, por permitir ressaltar as relações de poder envolvidas nesse processo, bem como o papel central da linguagem na produção de visões específicas sobre a alteridade.

Falocentrismo

Tendência a privilegiar as características e os valores masculinos, em detrimento das características e dos valores femininos.

Gênero

Conceito central na teoria feminista contemporânea, refere-se em oposição à dimensão simplesmente biológica do processo da diferenciação sexual – aos aspectos culturais e sociais das relações entre os sexos.

Multiculturalismo

Movimento que, fundamentalmente, argumenta em favor de um currículo que seja culturalmente inclusivo, incorporando as tradições culturais dos diferentes grupos culturais e sociais. Pode ser visto como os resultados de uma reivindicação de grupo a subordinados – como as mulheres, as pessoas negras e as homossexuais, por exemplo – para que os conhecimentos integrantes de suas tradições culturais sejam incluídos nos currículos escolares

e universitários. Mais criticamente, entretanto, também pode ser visto como uma estratégia dos grupos dominantes, em países metropolitanos da antiga ordem colonial, para conter e controlar as demandas dos grupos de imigrantes das antigas colônias.

Oposição Binária

Relação de oposição entre dois termos. Segundo Jacques Derrida, grande parte do pensamento filosófico ocidental organiza-se em torno de oposições binárias tais como natureza/cultura, escrita/voz, masculino/feminino, nas quais um dos termos é privilegiado relativamente ao outro. É tarefa da desconstrução mostrar que os termos de uma oposição binária são mutuamente dependente.

Panoptismo

Na análise de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, forma de controle e poder que, metaforicamente segue o princípio do panóptico, dispositivo penitenciário concebido pelo filósofo utilitarista inglês Jeremy Bentham, constituído de um edifício circular, no qual os prisioneiros ficavam permanentemente expostos à vigilância a partir de uma torre central, sendo fundamental o fato de que, por não poderem verificar a presença real dos vigilantes, eles nunca sabiam se estavam efetivamente sendo vigiados ou não.

Pedagogia crítica

Refere-se a uma gama variada de abordagens – desde a “educação libertadora” de Paulo Freire até as várias pedagogias de orientação neomarxistas, passando pelas pedagogias de inspiração anarquista – que adotam procedimento pedagógico que, de uma forma ou de outra, expressam uma atitude de questionamento relativamente aos arranjos sociais existentes.

Pedagogia queer

Pedagogia relacionada à “teoria queer”, movimento político e teórico ligado aos estudos gays e lésbicos. A teoria queer amplia a crítica feminista da identidade de gênero e sexual hegemônica (masculina e heterossexual), radicalizando a idéia de que a identidade é sempre instável e precária.

Poder

Conceito central na Sociologia Crítica da Educação e na Teoria Educacional Crítica, é concebido de forma diferente nas diferentes perspectivas críticas. Na teorização neomarxista, o poder, na sociedade capitalista, está centralizada nas instituições do Estado, tendo um status derivado relativamente às relações sociais de produção. Na teorização de Pierre Bourdieu, o poder está relacionado à luta pelas diversas modalidades de capital (econômico, social, cultural) nos diversos campos sociais. Nas análises pós-estruturalistas inspiradas em Foucault, o poder é concebido como descentralizado, horizontal e difuso.

Poder-saber

Expressão cunhada por Michel Foucault, no livro *Vigiar e punir*, para enfatizar sua compreensão de que saber e poder não constituem elementos oposto, como por exemplo, em certas perspectivas marxistas, mas se implicam mutuamente: não existe relação de poder sem a constituição de um campo correlato de saber, assim como não existe saber que não pressuponha e constitua relações de poder

Política de identidade

Conjunto das atividades políticas centradas em torno da reivindicação de reconhecimento da identidade de grupos considerados subordinados relativamente à identidades hegemônicas.

Posição de sujeito

Na crítica estruturalista do “sujeito”, notadamente a partir da análise de Foucault (1986,pg 59) em Arqueologia do saber, o termo expressa o argumento de que não existe o “sujeito” originário, transcendental, pré-social e pré-discursivos: cada discurso põe o ‘sujeito’ numa determinada posição. Na medida em que o “sujeito” é pensado como correspondendo a discursos que podem ser diversos e contraditórios, o conceito de “posição – de - sujeito” permite conceber a subjetividade como construída, contraditória e fragmentada. “ A subjetividade – tal como a identidade- é, assim, uma matriz de posições – de - sujeito, que podem ser inconsistentes ou até mesmo contraditória entre si. A subjetividade é, pois, lingüística e discursivamente construída e deslocada ao longo da gama de discursos nos quais os indivíduos concretos participam” (Belsey, 1991, pg 597).

Racismo

Tendência a considerar como inferiores pessoas e grupos humanos com características físicas e culturais diferentes daqueles ao qual se pertence. Na teorização pós-estruturalista, utilizada nos Estudos Culturais, o racismo é concebido como resultado de um processo lingüístico e discursivo de construção da diferença.

Regime de Verdade

Expressão cunhada por Michel Foucault, para quem “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade :isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”(Foucault, 1985, p12)

Representação

Conceito central em campos como a Filosofia e a Psicologia Social, nos quais tem conotações bastante diferentes. Na análise cultural mais recente, refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões no pressuposto de que não existe identidade fora da representação.

Resistência

Na teoria Educacional crítica, o conceito desenvolveu-se em reação ao suposto determinismo das teorias da reprodução e à visão passiva da ação humana e social que elas supostamente implicavam, ganhando impulso com a publicação do livro de Paul Willis, Aprendendo a ser trabalhador, no qual ele analisava as estratégias de resistência à escola, desenvolvidas por um grupo de adolescentes ingleses de classe operária. Mais recentemente, algumas análises têm-se voltado para a concepção de resistência oferecida por Michel Foucault, para quem o poder implica, sempre, resistência.

Rizoma

Tomando de empréstimo da Botânica a descrição do rizoma como um caule horizontal, geralmente subterrâneo, cujas raízes se espalham de forma aparentemente desordenada e caótica, Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil Platôs*, utilizam o termo para escrever uma forma não-hierárquica, não-estrutural, não-centrada e não-linear de organização, pensamento ou escrita, em contraste com a forma hierárquica, estrutural, centrada e linear dos modelos baseados na figura da árvore.

Sexismo

Tendência a inferiorizar as mulheres. O sexismo manifesta-se tanto em práticas institucionais e sociais de discriminação das mulheres quando em práticas discursivas que expressam visões que tendem a inferiorizá-las.

Significação, processo de

O processo social através do qual se produzem significados. Trata-se de um conceito central nos Estudos Culturais de inspiração pós-estruturalista, na medida em que a cultura é concebida essencialmente como um campo

De luta em torno da produção de significados.

Subjetividade

Termo amplamente utilizado na teorização social contemporânea, com múltiplas conotações. É com frequência tomado simplesmente como sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar ao conceito de “subjetividade” todos os questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizariam o ser humano como “sujeito”. Num certo registro, “subjetividade” opõe-se àqueles elementos que, no ser humano, se distinguem do que é caracteristicamente social, carregando as conotações de interioridade e essencialidade associadas à etimologia da palavra “sujeito” – sub-jectum, “substância que esta sob, subjacente”.

Sujeito

Na tradição da Filosofia ocidental, que culmina com Descartes e Kant – na chamada “filosofia da consciência”, o conceito de “sujeito” é utilizado para expressar a idéia de que o ser humano é constituído de um núcleo autônomo, racional, consciente e unificado no qual se localiza a origem e o centro da ação. De perspectivas variadas, Marx, Nietzsche, Heidegger e Freud efetuaram a crítica desta “teoria do sujeito”. Mais recentemente, esta noção de “sujeito” foi radicalmente questionada por Jacques Lacan, Jacques Derrida e Michel Foucault, entre outros. Na crítica pós-estruturalista de Michel Foucault, por exemplo, o “sujeito” não passa de um efeito do discurso e do poder. É no contexto desse questionamento que se fala na “morte do sujeito”. Na crítica educacional, o questionamento pós-estruturalista do “sujeito” é utilizado para problematizar o “sujeito” centrado, racional e autônomo que esta no núcleo tanto das pedagogias tradicionais – como a educação humanista, por exemplo – quanto das pedagogias críticas – como a educação libertadora, por exemplo.

Teoria educacional pós – crítica

Conjunto das perspectivas teóricas e analíticas que, embora retendo o impulso crítico da “teoria educacional crítica”, coloca em questão, a partir, sobretudo, da influência do pós-estruturalismo e do pós-modernismo, alguns de seus pressupostos. A teoria pós-crítica questiona, por exemplo, um dos conceitos centrais da teoria crítica, o de ideologia, por seu comprometimento com noções realistas da verdade. Da mesma forma, seguindo Michel Foucault, a teoria pós-crítica distancia-se do conceito polarizado de poder da teoria crítica. Ela

coloca em dúvida, ainda, as noções de emancipação e libertação, tão caras à teoria crítica, por seus pressupostos essencialistas.

Utopia

No sentido consagrado pelo escritor inglês Thomas Morus, no livro *Utopia*, publicado em 1516, é o lugar imaginário no qual se realiza o ideal de uma sociedade perfeita. Na literatura educacional crítica, sobretudo aquela de orientação marxista, certas tendências consideram importante combinar uma crítica dos presentes arranjos sociais com a visão utópica de uma sociedade alternativa, na qual se realizaria o ideal de uma sociedade mais justa e igualitária.

Violência Simbólica

Na análise de Pierre Bourdieu, o ato pelo qual os grupos dominantes impõem – como se fosse universal – sua cultura particular sobre os grupos dominados, ocultando que na origem desta imposição está um ato de força, ou seja, de violência propriamente dita. A escola, ao transmitir a cultura dominante, sem tornar explícito o processo pelo qual a cultura dominante passa a ser definida como cultura, está envolvida numa ação de violência simbólica.